



José Lourenço

Duplamente cego

Não vou falar de ensaios clínicos, mas dissertar um pouco sobre coisas desconexas que acontecem sem relação causal aparente, paradoxais e (infinitamente) cegas.

Todos nos deparamos com notícias dia-a-dia do tipo:

- Casal morre atropelado à saída da missa
- Abalroados pelo comboio da Régua a caminho do Santuário de Fátima.
- Voluntária assaltada quando se preparava para ir prestar serviço na Associação de Doentes X

Realmente dá que pensar, ainda por cima face à impunidade que bafeja os autores de todo o tipo de patifarias que não são apanhados, ou se sim, são libertados pelos juízes (com letra pequena, muito pequena).

Acho que seria fastidioso dar exemplos que são relatados nos jornais, que dão a ideia que quem decide tem medo que o trabalho se acabe, pelo que devolve os prevaricadores às ruas, com a secreta esperança que eles reincidam.

E se formos para as coisas mais sérias, lá estão os desastres naturais, tsunamis, terremotos, tufões a afins, a cortar a direito, por vezes abreviando o sofrer de quem tem a vida sofrida, como se fosse uma eutanásia colectiva imposta e benfeitora, sem karma que explique, nem pecados por expiar que justifiquem. Nada. Como diria o Woody Allen: *"no Canadá não há crime, ... nem há nada!"*.

O Ensaio sobre a Cegueira ou o filme Hollywood Ending - que recomendo vivamente - ocorrem-me (irónica e estupidamente) nesta homenagem que gostaria de prestar aos doentes que cegaram no Hospital de Sta. Maria.

Embora o presidente do Conselho de Administração tenha garantido que quatro dos seis doentes que foram operados naquela unidade e ficaram cegos estão a recuperar bem, é complicado de digerir que tal tenha sucedido não a quem andava em devaneios pirotécnicos, mas só queria tratar da vista e foi ao sítio certo: ao Hospital.

É portanto uma situação semelhante aos abalroados de

Fátima, às vítimas arbitrárias das catástrofes que se abatem e abatem, em contraponto a muitos que se calhar não deviam ver para evitar que fizessem o que não devem e fazem.

O paradoxo:

"O Hospital de Santa Maria na sua missão consagra importantes funções integradas de prestação de cuidados de saúde, de formação pré, pós-graduada e continuada e de inovação e investigação, constituindo-se como unidade essencial dentro do sistema de saúde português.

Nele estão presentes capacidades notáveis ao nível dos recursos humanos, das tecnologias praticadas e do saber acumulado. A par do apoio que presta às populações da sua zona de influência directa, garante referência diferenciada em múltiplas áreas clínicas, no âmbito regional e nacional e dos países de expressão portuguesa.

Com esta missão, cumpre os objectivos de uma grande unidade do sistema público, com vista à garantia da equidade e universalidade do acesso, da assistência eficaz e eficiente e da promoção da qualidade e da excelência, com satisfação dos doentes e dos profissionais."

Dir-me-ão que é a conversa do costume, dos valores, missão e tal...

Mas para quem conhece minimamente o Hospital de Sta. Maria e tem acompanhado a sua evolução sob a administração de Adalberto Campos Fernandes, que referi num artigo anterior, sabe não ser assim. Esta unidade personifica um caso notório de evolução transversal a todas as suas actividades, que se julgaria impossível há alguns anos atrás.

Assim, a minha solidariedade vai em primeiro lugar para os doentes e deveria ser só para eles. Mas neste caso, pelo conhecimento da vontade que têm de exercer uma verdadeira compliance com os princípios acima enunciados, os seus administradores e profissionais de saúde, também estão no meu pensamento.

É a vida! 